



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Discurso pronunciado em resposta à saudação do Governador Edmundo de Macedo Soares e Silva, em Barra, do Pirai, Estado do Rio de Janeiro, ao ensejo da inauguração da II Exposição Agro-pecuária Sul Fluminense.

— 24 de agosto —

SENHOR Governador do Estado do Rio de Janeiro, Meus Senhores : — Pela segunda vez, em período de tempo relativamente curto, tenho o prazer da vossa convivência. Da primeira, aqui estive como candidato à suprema magistratura do País, para falar aos barrenses, aos fluminenses, aos homens do Vale do Paraíba e a todos os brasileiros, dizendo-lhes dos meus propósitos, e expondo-lhes parte do programa com que solicitava a confiança, que não me foi negada, do eleitorado nacional. Desta, encontro-me entre vós para tomar parte, como Chefe do Estado, em uma festa de trabalho e para ouvir os que, neste Vale de tantas reminiscências históricas, contribuem para o seu progresso, seja no arado, fazendo brotar as sementeiras, seja apascentando os rebanhos que alimentam a Capital da República, seja ainda nas alavancas das grandes máquinas com que já começamos a lançar os fundamentos da nossa industrialização.

O vosso Governador traçou sem fantasias, como convém a um engenheiro, um quadro vivo do trabalho que aqui se está realizando, bem como das providências mais prementes para o soerguimento desta região. Estou por dizer que as suas palavras valem tanto para a terra fluminense, quanto para todo o Vale, e ainda mais, sob certos aspectos, para o Brasil, à vista da identidade dos problemas das várias zonas de um país agrícola que necessita industrializar-

se, industrializando, em primeiro lugar, a sua própria agricultura.

Em setembro de 1945, eu vos dizia que “o Vale do Paraíba constituiu um dos itinerários famosos da civilização que, vinda do ultramar, se propagou por toda a terra brasileira”.

Estrada famosa das Bandeiras, foi o caminho de ligação entre São Paulo e o Rio, e entre ambos e Minas Gerais, como ainda hoje aqui continua, nesta progressista cidade de Barra do Piraí, o ponto de entroncamento das linhas férreas que ligam os três grandes centros, de tamanha importância econômica e política para a Federação Brasileira. No Império, exerceu o Vale o papel de nervo econômico do País, na era em que a cultura cafeeira se alastrou pelo Sul, por haver encontrado nêlo ambiente novo e promissor. Naqueles tempos, como se disse muitas vezes, “o Brasil era o vale”, pois o húmus das suas fazendas alimentava o colar das cidades imperiais, onde floresceu a magnífica *civilização do café*, que por um determinismo econômico que os nossos antepassados não souberam ou não puderam corrigir, teve de emigrar para os planaltos de São Paulo e de Minas Gerais, deixando atrás de si, no solo exaurido, as *cidades mortas* que permaneceram durante lustros, como uma nota de tristeza, ou mesmo um desmentido formal à nossa apregoada pujança de nação jovem.

Mas o que aos sociólogos apressados pareceu estiamento e morte de uma civilização agrícola, que só poderia viver da exploração do solo virgem e do braço escravo, haveria de revelar-se, com os anos, simples crise de crescimento, destinada a ser superada pelo trabalho do homem livre, que, aqui, neste mesmo Vale, se dispôs a mostrar a sua capacidade, não mais de domar a natureza tropical, mas de refazer solos empobrecidos.

Como acontece em tôdas as zonas onde se faz sentir uma crise orgânica de produção, a decadência econômica foi acompanhada pelo êxodo das populações, que sempre tiveram a acenar-lhes a possibilidade de seguir avante, penetrando zonas novas que passaram a ser conquistadas pelo café.

Não devemos, porém, maldizer aquêlê fenômeno de expansão dos limites do mundo econômico, aquela deslocação da *fronteira móvel*, pois foi graças a ela que o café — êsse maravilhoso desbravador de sertões — levou a nossa civilização, com uma rapidez verdadeiramente espantosa, do Vale do Paraíba, às barrancas do Rio Paraná. Na verdade, os que aqui ficaram, também demonstraram, com o tempo, que eram homens do mesmo porte, galhos do mesmo tronco que nos dera os heróis da penetração. Hoje, o que vemos é o renascimento, de que nos dá uma prova eloqüente a iniciativa desta Exposição Agropecuária.

O Vale do Paraíba tem condições próprias de vida. O seu clima é ameno, o seu solo é dadivoso, desde que racionalmente explorado, e o Rio lhe oferece possibilidade de irrigação, sendo, ademais, preciosa fonte de energia elétrica, condição excepcional a ditar-lhe um futuro industrial, como o de poucas regiões brasileiras.

Curso fluvial de planalto e de litoral atlântico, assegura às zonas marginais uma diversidade de culturas, só por si geradora de estabilidade econômica, o que não acontecia nos tempos da monocultura cafeeira. E tem ainda a inestimável vantagem de situar-se, geograficamente, entre as duas maiores cidades do País, o que está a indicá-lo como o celeiro natural de populações urbanas de alguns milhões de habitantes.

Não deixa de ser desconcertante o fato de sofrer a Capital da República crises de gêneros alimentícios, que são importados de pontos distantes, quando natural e lógico seria se suprisse em zonas adjacentes. Daí a decisão que tomei de trazer o apoio da administração federal à obra de reerguimento da lavoura e da pecuária do Vale do Paraíba.

Há outro aspecto das suas atividades econômicas que tem, indubitavelmente, caráter nacional. Volta Redonda, com seus fornos e laminadores, nêle implantou a grande siderurgia. E, dentro em breve, tornar-se-á também realidade a multiplicação da sua capacidade como produtor de energia elétrica, para o incremento da indústria leve.

Mas não basta criar possibilidades de trabalho. É mister também tratar do homem, que tem de lutar, em nosso clima, contra as moléstias tropicais. É uma questão de honra do meu governo fazer com que passe ao mundo da lenda a afirmação, tão comumente divulgada, a que acaba de fazer referência o Governador Macedo Soares, de que “não há quilowatt sem malária”. A campanha contra essa terrível endemia, que ameaça nada menos de oito milhões de brasileiros — já iniciada, com métodos novos experimentados no Vale do São Francisco — permite-nos alimentar a esperança da extinção, em período relativamente curto, dêsse mal que tanto aflige as nossas populações rurais.

É evidente que nem o ressurgimento do Vale, nem a sua completa recuperação econômica depende exclusivamente do Governo. Este cria as condições gerais para o bom fruto do trabalho, que tem de ser obra coletiva de quantos aqui vivem e labutam, nestas cidades de nomes tão familiares à nossa vida, como Taubaté, Guaratinguetá, Lorena, Resende, Barra do Piraí, Campos e tantas outras. Aliás, impõe-se reconhecer que a obra realizada graças aos esfor-

ços dos particulares, seja no trecho fluminense, seja no paulista, dêste histórico Vale, é de molde a orgulhar os brasileiros. Cumpre, contudo, e o Governo está para isso aparelhado, desenvolver as formas cooperativas de produção, sobre cujo êxito não podemos ter dúvidas, em face dos resultados obtidos não somente no estrangeiro, mas também, em alguns setores, já em nosso próprio País.

É que as fórmulas individualistas já não dão o resultado almejado nesta época em que a industrialização da agricultura exige grandes investimentos de capitais, em máquinas e instrumentos, para o amanho racional das terras.

Já tive ensejo de dizer-vos aqui que “a expansão da economia nacional deve resultar do desenvolvimento harmônico das atividades agrícolas, extrativas e industriais”. O Vale do Paraíba conta, hoje, com os elementos necessários a essa harmonia de atividades produtoras que caracteriza os grandes complexos econômicos. E marcha para um novo ciclo, que há de merecer do meu Governo todo o incentivo, exigível do Estado moderno, nas organizações democráticas.

Inaugurando esta Exposição, agradeço as expressões que me dirigiu o eminente Governador Macedo Soares, em cuja pessoa saúdo a todos os fluminenses, e faço votos para que as antigas *ciudades mortas*, já agora cidades vivas, em pleno renascimento, venham a reeditar, tôdas elas, os dias de prosperidade e fartura, cujo esplendor os historiadores evocam, cheios de admiração pela velha Província e pela obra brasileira dos seus filhos gloriosos.